



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARIA VANESSA SOARES BARBOSA

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NEGRO E SUA DUPLA OBJETIFICAÇÃO:
AS BONECAS NAMORADEIRAS**

**GUARABIRA - PB
2023**

MARIA VANESSA SOARES BARBOSA

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NEGRO E SUA DUPLA OBJETIFICAÇÃO:
AS BONECAS NAMORADEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História cultural

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B589s Barbosa, Maria Vanessa Soares.

A sexualização do corpo feminino negro e sua dupla objetificação [manuscrito] : as bonecas namoradeiras / Maria Vanessa Soares Barbosa. - 2023.

20 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

*Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Coordenação do Curso de História - CH. *

1. Sexualização. 2. Corpo negro. 3. Namoradeiras. I. Título

21. ed. CDD 305.4

MARIA VANESSA SOARES BARBOSA

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NEGRO E SUA DUPLA OBJETIFICAÇÃO:
AS BONECAS NAMORADEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Aprovado em:20/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. SUSEL OLIVEIRA DA ROSA (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. LUÍZ MÁRIO DANTAS BURITY
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. DAYANE NASCIMENTO SOBREIRA

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família e amigos, por acreditar durante todo esse tempo em mim e no meu potencial, DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Boneca Namoradeira	08
-------------------------------------	----

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	A ORIGEM DA BONECA NAMORADEIRA E OS ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS ATRAVÉS DA MESMA	8
2.1.	A falsa Democracia Racial na construção de uma mulher negra sexualizada	10
2.2.	Entre as “globelezas” as “namoradeiras”	15
3.	CONCLUSÃO.....	17

A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NEGRO E SUA DUPLA OBJETIFICAÇÃO: AS BONECAS NAMORADEIRAS

THE SEXUALIZATION OF THE BLACK FEMALE BODY AND ITS DOUBLE OBJECTIFICATION: THE FIRST DOLLS

Maria Vanessa Soares Barbosa¹

RESUMO

O presente artigo “A sexualização do corpo feminino negro e sua dupla objetificação: as bonecas namoradeiras” tem como objetivo analisar os discursos racistas e sexistas existentes no decorrer do cotidiano das mulheres negras no Brasil e como esta sexualização está se tornando cada vez mais normalizada. Corpo este, que é objetificado sexualmente desde o período colonial e que perpetua até hoje no imaginário social, seja por meio de objetos, da mídia ou por meio de discursos racistas. Sendo desenvolvido através de uma base teórica mediante algumas obras de escritoras negras como bell hooks (1981), Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019), Angela Davis (2016), Djamila Ribeiro (2019), apresentando como as bonecas namoradeiras podem colaborar silenciosamente para com o racismo e a sexualização do corpo feminino.

Palavras-Chave: Sexualização; Corpo Negro; Namoradeiras.

ABSTRACT

The present article “The sexualization of the black female body and its double objectification: the first dolls” aims to analyze the existing racist and sexist discourses in the course of the daily life of black women in Brazil and how this sexualization is becoming increasingly more normalized. This body, which has been sexually objectified since the colonial period and which continues to this day in the social imagination, whether through objects, the media or through racist discourses. Being developed through a theoretical basis through some works of black writers such as Bell Hooks (1981), Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019), Angela Davis (2016), Djamila Ribeiro (2019), presenting how the flirting dolls can silently collaborate with racism and sexualization of the female body.

Keywords: Sexualization; Black Body; Flirts.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho iremos analisar a trajetória da sexualização do corpo negro feminino e como objetos artesanais, em particular, as namoradeiras, acabam por

¹ Graduanda do curso em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba(UEPB). Email: nesinhasoaresbarbosa@gmail.com

contribuir com a permanência deste imaginário enraizado na sociedade, muitas das vezes de forma velada. A partir desta análise, iremos observar que as mulheres negras não passaram a serem vistas como objetos sexuais sem motivo algum ou do dia para a noite, houve uma série de fatores que acabaram contribuindo com a formação deste pensamento racista e sexista na sociedade.

Pensamento este, que segundo bell hooks (1981) começou a ser desenvolvido desde o período colonial, onde as mulheres negras se tornaram alvos de trabalho escravizado, pois eram consideradas frágeis pelos homens brancos escravagistas. E assim foi se desenvolvendo a ideia de que por serem mais frágeis e calmas nas capturas, mesmo com o fato de que estas mulheres já desenvolviam o mesmo trabalho escravo que os homens negros, seria vantajoso investir nas mesmas, onde por sua vez, os negociantes de escravizados não obtinham nenhum tipo de prejuízo em seus negócios e muito menos nas suas produções, já que, estas não causavam tantas despesas como os homens escravizados.

Ao serem capturadas, estas mulheres negras deviam obedecer aos mandatos dos seus senhores e a partir disto, exerciam diferentes funções como trabalhar na agricultura e nos afazeres domésticos das casas dos seus senhores. Com esse pensamento estereotipado desenvolvido pelos homens brancos escravagistas, de que a mulher negra seria fraca e submissa, começou a se ter uma objetificação do corpo feminino, onde estas mulheres passaram a serem usadas de maneira sexual também. Como nos mostra Nabuco (1988, p.51) “Atirada de um para outro, nas bacanais de todos os dias, joguete dos mais brutais instintos, vive entre os partos e os suplícios”. E eram durante estes abusos/estupros que os homens brancos maltratavam e brutalizavam as mulheres negras e muitas das vezes as engravidavam, sendo estas submetidas a levarem chicotadas mesmo estando grávidas, estes abusos sexuais também eram utilizados como castigo para as escravizadas que não obedeciam às ordens ou que eram consideradas rebeldes.

Sendo assim, nesta pesquisa, busquei mostrar a objetificação e a hipersexualização que se enraizou na sociedade sobre as mulheres negras e como ocorreu este processo de criação de pensamentos estereotipados sobre estas. Utilizando como demonstração deste discurso racista, as Namoradeiras, que são objetos artesanais carregados de estereótipos sexuais com relação às mulheres, mas de uma forma velada e considerada muitas das vezes inocente ou inconsciente. Atentando, desta forma, para estas espécies de discursos que na maioria das vezes passam despercebidos no decorrer do nosso cotidiano, mas que podem contribuir de forma perigosa para com a continuidade e aumento desta sexualização e objetificação dos corpos femininos, fazendo mulheres negras não se aceitarem e envergonharem-se de seus corpos, cabelos, crenças e de sua cor.

Debatendo, a partir da hipótese de que as Namoradeiras contém em sua origem algum tipo de manifestação estereotipada e sexualizadora da figura feminina a partir do artesanato, colocando as mulheres como objetos sexuais que devem ser submissas aos homens. Procurando evidenciar a realidade vivida por milhares de mulheres, em uma sociedade que a sexualiza a todo instante e que as vêem apenas como mulher atraente, quente, fogosa e gostosa. Mulheres que carregam muitos traumas durante todos estes anos de objetificação dos seus corpos, mas que continuam resistindo a todos estes estereótipos que os homens brancos racistas e escravagistas deixaram de herança para a nossa sociedade contemporânea. Resistência, que se faz necessária para que aconteça uma mudança na sociedade e para que se tenha discussões como esta, contribuindo de forma significativa para a não exclusão da mulher negra na sociedade e para o fim do anulamento de questões

sobre as mesmas.

2. A ORIGEM DA BONECA NAMORADEIRA E OS ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS ATRAVÉS DA MESMA

Figura 1 - Boneca



Namoradeira

Fonte: Suzane Hammer (2021)²

A boneca Namoradeira é um objeto artesanal que pode ser produzido através de diferentes materiais, como madeira, resina e gesso. Essas bonecas foram criadas com o propósito de se tornarem objetos decorativos, que seriam colocadas nas janelas das residências. Sua origem ainda é incerta, mas muitos afirmam que a mesma tenha começado a ser produzida no estado de Minas Gerais, por um artista local chamado Antonio Carlos Bech, onde é de muito fácil acesso tanto a sua produção quanto a sua venda em diversas cidades do estado. Ao pesquisar sobre elas, nos deparamos com diferentes narrativas sobre a finalidade por trás da sua criação, na qual existem algumas lendas que afirmam que estas bonecas representariam as moças que ficavam nas janelas em busca de um pretendente durante o período colonial, pois, as mulheres não possuíam liberdade para sair normalmente como os homens e encontravam nas janelas uma forma de socializar, já outros, dizem que seria para representar mulheres e meninas negras escravizadas que eram estupradas, prostituídas e expostas nas janelas como mercadorias..

De forma muito atraente e sensual, possuindo na sua própria nomeação “namoradeira”, o sufixo “eira” aponta para uma relação de ofício, como jardineira, cozinheira e cabeleireira; mulher negra que possui a profissão de namorar, é assim que estas bonecas são representadas, onde se pode ter diferentes tonalidades, mas as mais comuns são as de pele negra. A mulher que possui lábios carnudos e que carrega nos mesmos, um belo batom vermelho que chama a atenção por onde passa, expondo em seu busto um decote que a torna ainda mais atraente e sexy, reforçando ainda mais um estereótipo que resume a mulher, em especial, a negra, a uma condição apenas sexual que se torna cada vez mais normalizada na sociedade. Este

² <https://lugarespelomundo.com/cultura/a-arte-do-brasil-as-namoradeiras-de-minas-gerais/>

objeto vai compor a decoração de uma residência, contribuindo, desta forma, para a reprodução de uma imagem negativa da figura feminina negra, a colocando constantemente como uma pessoa sedutora, atraente e ferosa, que não aparenta ser intelectual ou capaz de algo mais além de um simbolismo sexual.

E é a partir destes estereótipos apresentados na boneca Namoradeira, que perdura a discussão de quais seriam as intenções dos artistas que as confeccionaram? Existia algum objetivo ou ideologia transmitida por meio desse objeto através dos artesões para sexualizar a mulher negra e fazer com que o seu corpo se tornasse cada vez mais objetificado? Com isso, adentramos no objetivo deste trabalho, apresentar por meio de um objeto artesanal, as inúmeras formas que podem ser utilizadas para apoiar a inferiorização da mulher negra como pessoa, em uma sociedade que desde o período colonial permanece colocando-a em um lugar que não a pertence, que resistiu durante todos estes anos, sendo alvo de chacota na sociedade, vendo a sua história ser anulada, silenciada e negada. Mulheres estas, que carregam o peso de um racismo impregnado na mentalidade humana, onde o belo e o ideal a serem seguidos, irão partir sempre dos europeus, das pessoas brancas, reforçando cada vez mais os pensamentos eurocêntricos.

Colocando a negra, como um ser que foi destinado para as profissões menos favorecidas, como a de empregada doméstica por exemplo, onde ocorrem vários abusos sexuais por parte de seus patrões e que muitas das vezes, são silenciadas por já presenciarem cotidianamente a ausência de justiça e também por ameaças vindas dos mesmos. Favorecendo outra vez, a normalização do abuso sexual e da ideologia do corpo negro feminino ser apenas um objeto designado para o sexo.

Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação” (2019, p.197), cita um exemplo bem parecido com as namoradeiras com relação a algumas bonecas negras que eram colocadas na frente das residências, que possuíam como finalidade potencializar a ideologia de que as pessoas negras, não passavam de meras pessoas destinadas a ocuparem lugares e posições inferiores como a de servidão, afirmando assim, que mesmo que o tempo de escravização tenha passado, as pessoas negras jamais conseguiriam se livrar das consequências resultantes do passado vivenciado e atrelado aos seus antepassados, os colocando novamente em um lugar de inferioridade e submissão diante das pessoas brancas.

Essas bonecas negras apareceram nos Estados Unidos no período pós-escravização como objetos decorativos para as famílias brancas. Seu surgimento, portanto, coincide com a abolição da escravização e com a ausência física de escravizadas/os nas plantações. Nesse contexto de mudança política, tais figuras negras surgiram como personificações das/os próprias/os escravizadas/os, que não mais existiam. Como bonecos decorativos, eles ocuparam o “lugar exato” que as/os africanas/os uma vez ocuparam. (KILOMBA, 2019, p.197-198)

Sendo assim, fica evidente que o sujeito branco desde o período colonial utiliza de objetos, de termos racistas ou de atitudes, que remetem ao passado escravista como uma forma de fazer as pessoas negras se manterem naquele lugar que não as pertence mais, como um meio para se manter em locais de superioridade através de uma reafirmação extremamente racista do que seria o “lugar ideal” para a população negra. Correlacionando com os estereótipos que estão presentes nas bonecas Namoradeiras, que fazem as mulheres estarem em uma posição atrelada com a sexualidade, sustentando através de um simples objeto a mesma ideologia estereotipada que seria fazer com que as mulheres negras estejam continuamente relacionadas a questões sexuais, de servidão, de exclusão e de esquecimento.

De repente, é como se negras e negros ainda estivessem lá, “no lugar delas/es”, como bonecos do lado de fora da entrada, recebendo as/os convidadas/os que acabaram de chegar à casa branca. Ou como lâmpadas, portando luz, enquanto o senhor branco lê um livro. Ou como cinzeiros, para guardar as cinzas dos cigarros do senhor branco. (KILOMBA, 2019, p.198)

O “lugar” que o sujeito branco deseja colocar o sujeito negro sempre é o de objetificação, ou seja, a mulher negra só se define a ser a empregada da patroa branca, a ser a mulher mais atraente e por isso seria a ideal para ser estrupada pelos seus patrões ou senhores, a que carrega em seu corpo curvas bonitas, mas que não consegue se sobressair para ter um emprego melhor e uma condição de vida digna. Resumindo-as apenas a um passado que não é mais aceito, mas que perdura com as suas marcas na contemporaneidade de diversificadas formas, fazendo com que a população feminina negra tenha que lidar e conviver com as ideologias de que o seu corpo é digno apenas para o sexo ou para ser usado, que o seu cabelo não é o mais bonito e sim o da mulher branca, fazendo com que muitas mulheres negras acabem alisando os seus cabelos numa tentativa de busca por um tipo de cabelo que é considerado “ideal”, que os seus lábios são fora do padrão uma vez que são muito carnudos, que por ser uma mulher negra não seria capaz de conseguir melhorar a sua condição de vida através dos estudos, visto que não é considerada um ser capaz de ser intelectual e muitas outras concepções que efetua a existência de estereótipos na mentalidade tanto das pessoas brancas, como das pessoas negras, desenvolvendo e aumentando cada vez mais o racismo existente na sociedade.

“O boneco é fofo” a vizinha diz para Kathleen. Esse processo de infantilizar o que o sujeito negro diz protege o sujeito branco de reconhecer a realidade de grupos oprimidos e, portanto, impede-o de olhar para si mesmo como opressor” (KILOMBA, 2019, p. 200). Assim como a vizinha falou para a mulher negra que o “boneco é fofo”, a história ou a função para a criação das Namoradeiras ainda é incerta, pelo simples fato de acontecer essa romantização em cima das mesmas. Existe uma série de histórias criadas numa tentativa de justificar a sua criação, onde algumas relatam ser a ideia de uma mulher solteira que está à espera de um príncipe para namorar, outras dizem que seria a representação das mulheres que amam ficar nas janelas para fofocar e assim por diante. Mas na verdade, é apenas o sujeito branco tentando se livrar de ser o opressor de uma maneira mais direta, passando a atuar de uma forma mais silenciosa através de um objeto decorativo que carrega uma mensagem para o ser oprimido, realizando o seu objetivo de lembrar cotidianamente as mulheres negras que elas se resumem apenas a um objeto sexual, independente da esfera social em que se encontra.

2.1. A falsa Democracia Racial na construção de uma mulher negra sexualizada

Em um dos ensaios do livro “Feminismo afro-latino-americano”, Lélia Gonzalez (2020) vai nos trazer o conceito do que foram os “casamentos inter-raciais”, nos fazendo entender o ponto inicial para o corpo negro feminino ser tão sexualizado no decorrer da historiografia brasileira.

A diferença (se é que existiu), em termos de Brasil, estava no fato de que os “casamentos inter-raciais” nada mais foram do que o resultado da violentação de mulheres negras por parte da minoria branca dominante (senhores de

engenho, traficantes de escravos etc.). E esse fato daria origem, na década de 1930, à criação do mito que até os dias de hoje afirma que o Brasil é uma democracia racial. (GONZALEZ, 2020, p.43).

A falsa ideia de que o Brasil seria um país que possui democracia racial, mas que na realidade é um dos países mais racistas do mundo. Onde a mulher negra desde o período colonial é tida como um ser inexistente, que não possui direito de fala, que era estuprada pelos seus senhores e mesmo assim teria que permanecer em silêncio, por que não poderia enfrentar o seu senhor se não seria castigada mais uma vez de forma abusiva. Uma ideia que prega a inexistência de um racismo extremamente construído e desenvolvido durante anos e vivenciado tanto pelas mulheres negras, quanto pelos homens negros, numa tentativa de diminuir a dor sofrida pelas/os mesmas/os. Resultando na negação de que existe racismo no Brasil, silenciando desta maneira mais uma vez toda a história da população negra, os colocando novamente no lugar de oprimidos e de exclusão na sociedade, negando desta forma principalmente a opressão realizada pelos sujeitos brancos.

A história oficial, assim como o discurso pedagógico internalizado por nossas crianças, fala do brasileiro como um ser “cordial” e afirma que a história do nosso povo é um modelo de soluções pacíficas para todas as tensões ou conflitos que nela tenham surgido. Por aí se pode imaginar o tipo de estereótipos difundidos a respeito do negro: passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão etc. (afinal, como disse Aristóteles, existem pessoas que nasceram para dirigir e outras para serem dirigidas). (GONZALEZ, 2020, p.44)

Uma falsa ideologia de que o povo negro teria aceitado a escravização de forma amigável, faz com que aconteça uma negação sobre todas as lutas, vivências, episódios de racismo que os mesmos enfrentaram e resistiram durante toda a história de vida dos mesmos. Produzindo na sociedade uma narrativa que coloca as mulheres negras como pacíficas a todos os episódios de racismo e de estupros que tiveram que enfrentar, tornando as suas dores falsas ao ver a todo instante uma mulher branca sendo sempre colocada como uma figura de “mulher ideal” ou vista como uma “mulher intelectual”, enquanto as mulheres negras são apenas colocadas em perspectivas inferiores, sendo marginalizadas, abusadas sexualmente, vistas apenas como um símbolo sexual e de servidão para os sujeitos brancos. E ao acontecer a negação de todos estes fatos ocorridos, se torna uma sociedade favorável para os opressores, já que ao criar estereótipos negativos sobre as mulheres negras, estas, se tornam alvo de racismo e acabam sendo esquecidas e principalmente silenciadas, que é o principal objetivo desejado pelo sujeito branco.

Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa-grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas. E isso sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. Desnecessário dizer o quanto eram objeto do ciúme rancoroso da senhora. (GONZALEZ, 2020, p.46)

As mucamas eram responsáveis pelos cuidados das casas e das/os filhas/os dos senhores durante o tempo da escravatura, mas como podemos observar, eram extremamente abusadas sexualmente e muitas das vezes acabavam engravidando dos mesmos. E mesmo estando na condição de vítima sem poder denunciar os seus

senhores ou se defender de alguma maneira, ainda eram vistas como culpadas pelas suas senhoras, vistas como mulheres que procuravam ser estrupadas. Anulando assim, toda a dor que estas mulheres sofriam ao ter que sentir o seu corpo sendo usado sem nenhum tipo de consentimento, mulheres estas, que deveriam zelar pela dignidade das filhas do patrão, enquanto a sua era retirada cotidianamente.

Nascendo desta forma, a chamada mãe preta, mucama e mulata, mulheres negras que eram encarregadas de cuidar dos filhos dos senhores, que além destas atividades, teriam que cuidar dos seus filhos ao concluir os afazeres da casa grande, sendo responsável também pela refeição do seu companheiro. Se tornando uma pessoa destinada e resumida apenas a servidão, que conseqüentemente contribuiu de maneira significativa para termos na contemporaneidade, que na maioria das vezes, é da mulher negra como empregada doméstica, sendo este o resultado do desenvolvimento de um estereótipo que a coloca sempre nos mesmos lugares, ou seja, lugares inferiores as pessoas brancas e como servas dos mesmos, como nos mostra Pacheco (2008, p.251): “Este é um trabalho associado à baixa remuneração e às relações de exploração, tanto que a informante compara, metaforicamente, um parceiro à imagem do “patrão”, ou seja, baseada nas relações de dominação e exploração”.

Assim, com o decorrer do tempo, ao invés da mucama, mãe preta e mulata deixarem de existir, elas terminam propositalmente se transformando na empregada doméstica que finda aceitando abusos vindos de seu patrão por ter uma condição de vida ruim e ver no emprego uma chance de melhorar de vida, e conseqüentemente tendo relações sexuais, cuidando da residência e família do mesmo, na qual ver no patrão a figura masculina que é presente na vida dela cotidianamente e passa a enxergá-lo também como um parceiro. Fazendo com que mulheres negras permaneçam na posição de servidão, sendo consideradas aptas apenas para cargos como estes, que não as tornem pessoas públicas, mulheres consideradas bonitas, intelectuais e capazes de se sobressair para uma posição melhor ou ter um parceiro que a ame de verdade, ou seja, o intuito é fazer com que as mesmas permaneçam silenciadas, não vistas e não possuindo lugar de fala como vai nos mostrar Ribeiro (2019) em seu livro “Lugar de fala”:

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist stand-point: não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. (RIBEIRO, 2019, p.43-44)

Para que assim, se tenha o resultado de mais mulheres negras se sujeitando apenas a uma posição inferior, fazendo com que diminua o número de pessoas negras ingressantes nas universidades, que conseqüentemente deixam de lutar pelos seus direitos, que acabam acreditando no mito de uma democracia racial e que acabam por aceitar a inferiorização como uma coisa normal. Onde diversas pessoas negras são sujeitadas aos estereótipos de marginalização, frisando uma ideia de que o sujeito negro só pode melhorar de vida, caso se submeta a vida do crime, enraizando na mentalidade destes sujeitos que a favela é o único lugar que ele é pertencente, ou seja, contribuindo de forma ativa com a generalização de estereótipos que favorecem

extremamente os sujeitos brancos, pois esse é o objetivo proposto pelos mesmos, fazer com que a sociedade no geral e principalmente a população negra se auto coloque no lugar de inferioridade, servidão, anulamento e silenciamento, fazendo com que se torne um ciclo viciante e normalizado que coloca sempre os sujeitos brancos numa posição de dominadores, enquanto os sujeitos negros permanecem sendo dominados.

Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas as percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (ALMEIDA, 2019, p.41-42).

É exatamente nestes momentos como nos mostra Almeida (2019), em que percebemos o quanto a mídia também possui um papel extremamente importante na construção e reprodução de estereótipos racistas e preconceituosos. Agindo de uma maneira naturalizada, através de novelas, filmes, séries, etc. Na qual se reproduz a mesma estrutura social que coloca o sujeito branco em um lugar favorável, em papéis onde sua condição de vida é excelente, que a sua profissão é de alto padrão, que é considerado o mais bonito e popular, enquanto o sujeito negro permanece sendo representado na mídia apenas em posições que os colocam como traficantes, marginais, cozinheiras, domésticas, ou seja, constantemente colocados na posição de sujeitos dominados, aptos apenas para servir, reafirmando o “lugar” em que a supremacia branca deseja inseri-los constantemente.

A partir do exposto podemos questionar, como é que as mulheres irão deixar de se sujeitar a situações como estas, se todos os dias a sociedade em que elas vivem, tenta a todo custo fazer as mesmas lembrarem de um passado que não faz mais parte do seu ser, que só retrata sofrimento, mortes e principalmente que as colocam como inferiores mediante aos homens, formando uma ideologia de que mulheres negras não merecem uma condição de vida melhor e que se resumem apenas para servidão e para o prazer sexual, enquanto a mulher branca também é inferiorizada, pois é objetificada pelo simples fato de ser uma mulher, porém, não se resume apenas a isso e possui o “padrão” de uma mulher ideal para se constituir uma família.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALEZ, 2020, p.226).

Assim, logo percebemos o quanto é importante tomarmos conhecimento de como o racismo se desenvolve e quais são os efeitos do mesmo na sociedade, pois, falsos discursos se repetem todos os dias na mídia, quando se abre apenas uma vaga para atores e atrizes, repórteres e apresentadores, que são negros/as, que é o mínimo e que só é possível através de muita luta, mas que nos discursos racistas e preconceituosos velados, é imposto muitas das vezes como maravilhoso e suficiente,

enquanto a maioria dos cargos são ocupados por pessoas brancas. Se pregando uma falsa ideia de que a população negra está satisfeita e que já é um grande avanço ver uma pessoa negra na TV nos dias de hoje, quando na realidade é o mínimo que se pode oferecer aos mesmos depois de tantos anos os excluindo da sociedade e os silenciando constantemente.

Nas escolas também conseguimos perceber a reprodução destes falsos discursos e estereótipos, quando se é reservado apenas um dia durante todo o ano, para se falar sobre os povos negros e sobre as suas culturas, apesar da lei 10.639/03. sendo expostos na maioria das vezes de uma forma totalmente preconceituosa e racista, associando as religiões de origens afro-brasileiras a estereótipos negativos, como se as mesmas possuíssem uma ligação com rituais satânicos ou coisas do tipo. Destilando preconceito e criando uma imagem totalmente negativa com relação à cultura afro-brasileira, ao invés de apresentar obras criadas por pessoas negras, como filmes, poemas, cordéis, músicas, livros e muitos outros, resultando em percepções positivas e causando conseqüentemente curiosidade e vontade nos alunos para saberem mais sobre a cultura afro-brasileira e além disso, fazer com que os alunos/as negros/as se identifiquem e saibam mais sobre os seus antepassados e se inspirem para sair desse ciclo vicioso que os coloca constantemente no lugar de inferioridade e desigualdade.

Além disso, para se trazer um exmplo, no ambiente acadêmico podemos observar também o questionamento com relação ao ensino e aos conteúdos ensinados por um profissional negro/a, pois é imposto a ideia de que os mesmos não possuem capacidade suficiente para estar em uma posição que o coloque como superior ou em um lugar em que se pode falar e ser ouvido, sendo taxado de possuir incapacidade intelectual diante dos profissionais brancos, resultando em um ensino extremamente eurocêntrico, onde apenas os profissionais brancos possuem lugar de fala, de respeito e de autoridade, colocando o sujeito negro/a em um lugar de constante aprovação, superação e luta, já que tudo que os mesmos/as compartilham é visto de maneira negativa e preconceituosa através da supremacia branca existente em todos os âmbitos.

O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. (GONZALEZ, 2020, p. 228).

É neste momento em que o Carnaval surge como o lugar e única época em que a mulher negra é vista como uma deusa e rainha, porém não de uma forma que a coloque como bela e intelectual, mas de uma maneira que a sexualiza e que faz com que a mesma seja extremamente objetificada, onde o lugar em que ela é colocada só possui espaço para o seu corpo, mas não para os seus pensamentos e falas. Retornando para o discurso da falsa democracia racial, onde todos somos iguais e que conseqüentemente todas as mulheres são bonitas, inteligentes e capazes independentemente da sua cor, mas que na realidade se resume apenas a um curto período em que se tenta velar na mídia o preconceito e o racismo sobre as mulheres negras, no entanto, acaba aumentando ainda mais a inferiorização e sexualização sobre as mesmas, de um modo que coloca a figura feminina em circunstâncias

constrangedoras como é o exemplo da Globeleza, onde todos os anos é exposto uma mulher negra totalmente nua em rede nacional, numa falsa tentativa de exaltar a beleza brasileira.

E, é nestes momentos que nos questionamos por que não se colocam mulheres brancas para serem as globelezas e serem expostas desta maneira nacionalmente, não que seja correto expor nenhuma mulher independente da sua cor de pele, raça ou classe, mas por que só as mulheres negras são colocadas como objetos sexuais desta forma, e é exatamente neste momento em que podemos perceber onde se encontra o racismo e o preconceito na sociedade brasileira, na qual só se é visto uma mulher negra em rede nacional se for pelada não para exaltar as conquistas das mesmas e tentar desconstruir todos os estereótipos criados sobre as mesmas, mas apenas para aumentar cada vez mais estes estereótipos e uma imagem negativa sobre elas, fazendo com que as mulheres negras continuem ocupando o “lugar”, que a supremacia branca deseja, ou seja, de servidão, dominação e ridicularização, dando evidência ao chamado privilégio branco, onde o sujeito branco se sobressai de diversas situações ruins e racistas que as pessoas negras vivenciam cotidianamente, pelo simples fato de possuírem a pele negra.

2.2. Entre as “globelezas” as “namoradeiras”

A ideia de uma “beleza ideal” foi pregada durante muitas décadas e continua presente na contemporaneidade, é uma beleza que não se encaixa nos traços das pessoas negras e muito menos que valoriza a sua cultura, é um padrão que designa como belo tudo que advém do europeu e da cultura eurocêntrica, ou seja, tudo aquilo que foi e é criado por pessoas brancas, ocorrendo uma anulação com relação a tudo que uma mulher negra possui, seja no seu jeito, cultura, cabelo ou profissão. Um padrão criado com o intuito de fazer com que as mulheres negras se sintam envergonhadas e excluídas no que se conhece como bonito na sociedade, desenvolvendo uma negação sobre o seu próprio corpo, onde as mesmas não conseguem se sentirem bonitas e acabam se entregando a diversos tipos de procedimentos criados pela branquitude, como é o exemplo dos alisamentos de cabelo, que transmite um falso discurso de que o cabelo liso é o mais bonito e ideal para se ter, colocando os cabelos crespos e cacheados como ruins, feios e difíceis para o cuidado, gerando conseqüentemente vários discursos negativos sobre os cabelos crespos e assim ocasionando a criação de apenas um tipo de cabelo ideal.

Com isso, vai se criando uma exclusão naturalizada no que se diz respeito a beleza negra, onde todas as mulheres buscam desesperadamente pelo “cabelo ideal”, aumentando cada vez mais práticas e falas racistas sobre os seus cabelos, já que a aceitação que as mesmas tanto procuram dura um pequeno período e faz com que estas, não se aceitem e não se reconheçam. Porém, ao seguir um ciclo vicioso de tentativas para se encaixar em um padrão tido como universal, essas mulheres acabam se perdendo em busca de uma beleza ideal que não existe e que as tornam reféns de um sistema que não tem por objetivo priorizar os diferentes tipos de beleza e biotipos.

As pessoas, vem e fazem perguntas do tipo “Como você lava seu cabelo?”. Ou querem saber se eu penteio: “Você penteia seu cabelo? Como você penteia seu cabelo?” Eu acho isso tão doentio e tão triste, sabe. Nosso cabelo parece diferente, mas não passa pela minha cabeça ver uma mulher branca adulta e lhe perguntar: “Com licença, como você lava seu cabelo? E a propósito, você também o penteia?” Que pergunta. Como lavo meu cabelo? Bem, com água e xampu, como todo mundo. (KILOMBA, 2019, p. 123-124)

O “diferente” é usado para recolocar as mulheres negras “no lugar delas”, para inferiorizá-las, violá-las e fazer com que as mesmas nunca se sintam bonitas, capazes e incluídas como mulheres na sociedade. O desejo de colocá-las como diferente é o de desenvolver na própria mulher negra a vontade de se sentir “normal”, de possuir um “cabelo universal” que nunca existirá, de ser a “mulher ideal” para se ter ao lado e construir uma família, e lembrar cotidianamente que ela é negra e que tudo que vem dela não é aceito e não é visto com um olhar positivo, onde a mesma sempre estará interligada aos estereótipos negativos, fazendo as mulheres se questionarem sobre si mesmas e não se reconhecerem, tendo vergonha do seu cabelo, da sua cor e de suas origens, anulando toda a trajetória que as mesmas trilharam durante todos estes anos, todos os seus sofrimentos, dores, lutas, contribuições grandíssimas para o desenvolvimento da cultura afro-brasileira, das relações sociais existentes no Brasil e muito mais.

E é a partir deste “lugar” que retorno para a questão das Namoradeiras, qual é o lugar que um sujeito que possui um objeto artesanal que objetifica a figura feminina deseja colocar as mesmas? Seria um lugar que lhe reconhece como uma mulher independente, bonita, intelectual e oferece lugar de fala para a mesma ou seria um lugar que faz a mesma retroceder para um passado de submissão, servidão e silenciamento? A boneca namoradeira é um objeto que reproduz uma manifestação silenciosa que coloca a mulher numa posição em que a mesma é controlada, onde se é passado a falsa ideia de que as mulheres estão constantemente à procura de um príncipe encantado e que por usarem uma roupa decotada estariam à disposição dos mesmos para “namorar”, lugar este, que posiciona as mulheres na condição de servidão e sexualização, onde não possuem domínio sobre os seus corpos, vestimentas ou vontades próprias. Um lugar que faz com que mulheres, sejam julgadas e atreladas a dominação e depreciação, que faz com que as mesmas se sintam muita das vezes culpadas ao sofrerem casos de abusos, preconceito e racismo.

-Desde do início do meu envolvimento com o movimento de mulheres fiquei incomodada pela insistência das mulheres brancas liberacionistas que a raça e o sexo eram duas questões separadas. A minha experiência de vida mostrou-me que as duas questões são inseparáveis, que no momento do meu nascimento, dois fatores determinaram o meu destino, ter nascido negra e ter nascido mulher. (HOOKS, 1981, p.12)

Podemos perceber assim, que as bonecas namoradeiras são objetos que reproduzem um discurso que faz mulheres relembrem onde o patriarcado deseja colocá-la, no qual mulheres não possuem lugar de fala e são submissas aos homens, e na condição de mulher negra isto se multiplica já que são inferiorizadas como mulheres e negras, passando a serem hiper sexualizadas e atreladas ao negativo através dos estereótipos criados entre o sexo e a raça desde o seu nascimento como nos mostra Hooks (1981). E assim como as globelezas estampam um discurso que sexualiza as mulheres negras, as Namoradeiras também possuem discursos que sexualizam a figura feminina no geral, pois, contribuem com estereótipos preconceituosos reforçando ainda mais o racismo, a hegemonia branca, misoginia e o patriarcado existentes na sociedade, visto que, a globeleza consiste em uma mulher negra que dança pelada em rede nacional durante o período do carnaval destilando a imagem de que a mulher negra é atrelada ao sexo, mas de uma forma discreta para que não seja problematizada, porém se encontra presente, assim como é o caso das bonecas namoradeiras, que mostram uma visão sobre as mulheres onde estas estão

atreladas ao desejo, sensualidade, serventia e disponível para quem quiser usufruir dos seus corpos já que são consideradas mulheres “fogosas e namoradeiras”, apenas estando presente na janela ou varanda de uma residência.

3. CONCLUSÃO

A partir do exposto, o presente artigo propôs analisar a hipersexualização que as mulheres negras sofreram e sofrem até a contemporaneidade com diversas objetificações dos seus corpos e que apesar de todas as resistências que perduram durante todos estes anos, as mesmas continuam sendo estereotipadas pela sua cor. Na qual, fica evidente como discursos racistas e sexualizadores são reproduzidos de uma maneira cautelosa e silenciosa através de objetos, como é o exemplo do objeto artesanal intitulado boneca namoradeira, podendo contribuir para a construção de estereótipos, objetificação e hipersexualização do corpo feminino.

Portanto, podemos observar que o feminismo é de extrema importância para que se tenha resistência contra ideologias de que mulheres são “fracas e submissas”, onde o machismo diz que homens possuem livre domínio sobre corpos femininos para “fazer o que quiserem”, e que as lutas contra o racismo é de extrema necessidade na nossa sociedade, pois além de proporcionar questionamentos e problematizações sobre todas estas pautas, temos como resultado das mesmas, diversos movimentos que nos proporcionam a possibilidade de oferecer um lugar de fala para as vozes de mulheres que por muito tempo estiveram presentes, mas que não eram ouvidas, nos mostrando como é ser uma mulher negra em uma sociedade misógina, preconceituosa e racista, falando a partir de suas experiências, acontecimentos que somente mulheres negras vivenciam, pelo simples fato de não possuírem a pele branca.

Nos mostrando que além de todos os seus sofrimentos, também houveram as relutâncias e os conflitos contra todas as hostilidades vivenciadas pelas mulheres no decorrer do tempo, tendo a oportunidade de não deixar morrer todos os ensinamentos e crenças que perduram por todos estes anos na sociedade brasileira a partir da cultura afro-brasileira, reconhecendo toda a grandiosidade que as mulheres negras possuem e resistindo de forma direta para com as causas feministas levantadas pelas mesmas contra o racismo, pois, assim como nos ensina Davis (2016), além de não sermos racistas em um sociedade racista, é preciso sermos antirracistas, para que se tenha cada vez mais resistências e movimentos contra o racismo e para quem sabe um dia, poderemos falar que realmente somos todos iguais e que em nosso país existe democracia racial.

Frisamos a grande importância dos movimentos feministas, por exemplo, mas que mesmo dentro destes, também existe racismo e exclusão de mulheres negras e que o movimento feminista negro por muito tempo focou somente nas experiências vivenciadas por homens negros ao invés de abordar também questões relacionadas as mulheres negras, constatando assim, que mesmo em questões relacionadas as pessoas negras, as mulheres podem vir a ser excluídas através das questões que envolvem gênero, raça e classe, como nos mostra Akotirene (2019), onde é necessário nos atentarmos para saber o que é reproduzido através dos movimentos sociais no geral e se realmente os mesmos, condizem e contribuem com o que pregam, observando e questionando objetos, discursos, falas, etc, que possam vir a reproduzir manifestações racistas disfarçadas de ingenuidade e fofura.

Para que, assim, possamos viver em um país que tenha uma cultura menos

racista, hipersexualizadora e objetificadora sobre as mulheres, obtendo respeito sobre as mesmas, independentemente de sua cor, raça e classe, conseguindo, desta maneira, quebrar múltiplos estereótipos e preconceitos acerca das mulheres negras que são velados através do discurso da falsa democracia racial, para que estas não sejam resumidas como servas, domésticas, criadas ou gostosas, quentes e atraentes, mas sim, que possam ocupar os lugares que merecem e desejam, como qualquer outra mulher na sociedade, sendo reconhecidas intelectualmente, preenchendo cargos de altos níveis, estando presente em universidades e nos proporcionando através da representatividade, a afirmação que mulheres negras podem e conseguem chegar onde quiserem e que os acontecimentos do passado não as resumem e nem as fazem inferiores a ninguém, na qual, possam reconhecer que os seus cabelos são lindos e cheios de personalidade e que não precisam se submeterem aos diversos alisamentos que prometem o falso "cabelo ideal", que a sua cultura é extraordinária e riquíssima e que não possuem nenhum motivo para se envergonharem da mesma e principalmente, que os seus corpos são belos e dignos de amor e respeito, não sendo um objeto e muito menos uma mercadoria que pode ser comprado ou usado sem o seu consentimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado (Doutorado e Filosofia da Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano**. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. (Org). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Não Sou Eu Uma Mulher: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Plataforma Gueto, 1981.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: estudos de racismo cotidiano**. SP: Cobogó, 2019.

NABUCO, Joaquim. **A escravidão (1870)**. Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1988.

OLIVEIRA, Mariana Barbosa de. **“Solidão Afetiva” da Mulher Negra: um estudo sobre família, raça e gênero**. 2019. 58 f. Monografia (Especialização) - Curso de Sociologia, Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

PACHECO, Ana Claudia, **“Branca pra casar, mulata pra f... preta para trabalhar”:** **Escolhas afetivas e Significados de solidão entre mulheres negras em**

Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala.** São Paulo: Polén, 2019.

RUAS, Maria Gabriela Soares dos Santos. Mulher Negra, Um Corpo? **Revista Serviço Social em Perspectiva**, Montes Claros- MG, v. 4, p. 833-845, mar. 2020.

SILVEIRA, Ana Cristina da. **Da Janela para o mundo: uma narrativa contemporânea das namoradeiras.** 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Artes)- Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui, aos meus pais e minhas irmãs que sempre me apoiaram durante todo o processo, aos meus amigos queridos que fizeram o possível e o impossível para me fortalecer nos momentos difíceis, ao meu namorado, que também foi um refúgio de paz durante todo o processo de graduação, e aos professores(as): Susel, por me proporcionar conhecer o lado humano que existe nas pessoas e a importância que se tem ao vivenciar as memórias do cotidiano que por mais simples que sejam, são as mais especiais durante o decorrer da nossa vida. Dayane, por ser uma professora sempre alegre, um ser humano que contagia todos ao seu redor aonde quer que esteja, da mesma forma no ensino EAD no qual ela conseguia tirar os alunos da zona de conforto e tornar as aulas divertidas e contagiantes. Por último, ao professor Waldecy, que me apresentou temáticas maravilhosas no decorrer do curso sobre a população negra, me influenciando positivamente a escrever sobre tal e a me reconhecer como uma mulher negra depois de anos tida como uma mulher parda, meu muito obrigada a todas/os.